



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657



O USO DA CINEMATOGRAFIA COMO TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA NO ENSINO RELIGIOSO: UM ESTUDO REALIZADO PELO PIBID

VERÔNICA FORTUNA SANTOS
CLEIDICELMA FORTUNA SANTOS

EIXO: 8. EDUCAÇÃO, CULTURA E RELIGIÃO

O USO DA CINEMATOGRAFIA COMO TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA NO ENSINO RELIGIOSO: UM ESTUDO REALIZADO PELO PIBID

Eixo 8

RESUMO: Este artigo tem por objetivo elucidar o uso de filmes em sala de aula na disciplina Ensino Religioso como recurso didático pedagógico para o processo ensino aprendizagem por ser uma ferramenta que permite ao professor prender a atenção dos alunos de forma prazerosa, bem como controlar o conteúdo a ser transmitido e, por fim, ser possível avaliar o desempenho do aluno. Este é um trabalho pioneiro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID – a ser realizado no Colégio de Aplicação – CODAP - pelos alunos do Curso Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe. Quanto aos procedimentos técnicos, se fez necessário um levantamento bibliográfico sobre o tema Religiosidade e a importância de pensar o material cinematográfico como recurso didático a ser utilizado na sala de aula.

Palavras-chaves: Filme, Recurso Didático e Religiosidade.

ABSTRACT: This article aims to clarify the use of film in class in Religious Education discipline as an educational teaching resource for the learning process to be a tool that allows the teacher to hold the attention of students in a pleasant way, as well as control content to be transmitted and, finally, possible to evaluate the student's performance. This is a pioneering work of the Institutional Scholarship Program Introduction to Teaching - PIBID - to be held in Application College - CODAP - by students Course Science of Religion at the Federal University of Sergipe. As for technical procedures, a literature on the subject Religiosity was necessary and the importance of thinking about film as a teaching resource materials to be used in the classroom.

Keywords: Film, Didactic and Religiosity Appeal.

INTRODUÇÃO

O Ensino religioso está entre os currículos oficiais da educação de ensino regular no Brasil por ser uma disciplina que também faz parte da formação básica do cidadão. E no processo ensino aprendizagem em sala de aula faz-se necessário um desenvolvimento de acordo as exigências da modernidade levando em consideração a construção do conhecimento, nesse caso os recursos didáticos podem ocupar esse espaço de apoio pedagógico,

De maneira especial o uso de filme é um instrumento rico nesse sentido que pode ser utilizado com o objetivo de sensibilização, ilustração ou até mesmo como documento, podendo a partir daí explorar o potencial pedagógico do filme visando desenvolver competências e habilidades relacionadas à disciplina em questão.

Assim, segundo Napolitano (2009), o professor deve elaborar uma abordagem crítica, problematizar a representação fílmica, agregando os aspectos presentes na produção possibilitando ao aluno estudar os conteúdos sob uma nova

perspectiva.

Foi com esse intuito que os alunos do curso Ciências a Religião que participam do PIBID planejaram um festival de cinema para ser aplicado no CODAP como efetivação das atividades do programa.

O QUE É O PIBID?

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID - é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. E os alunos estudantes de licenciatura que desejam participar recebem bolsas.

Os projetos pretendem promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica permitindo assim que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola.

Dentre os objetos do programa estão:

- Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica;
- Contribuir para a valorização do magistério;
- Elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica;
- Inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem;
- Incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como cofomadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e
- Contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura.

E para participar desse programa as Instituições de Educação Superior interessadas devem apresentar à Capes seus projetos de iniciação à docência seguindo as exigências dos editais de seleção publicados. Podem se candidatar Instituições de Educação Superior públicas e privadas com e sem fins lucrativos que oferecem cursos de licenciatura.

O CINEMA EM SALA DE AULA

O uso pedagógico do cinema é válido, pois, permite ao professor avaliação, para isso cabe ao docente se munir de instrumentos educacionais direcionados para os conteúdos atitudinais, que envolvem a construção de valores e atitudes contidas no recurso audiovisual utilizado em sala de aula, para assegurar a leitura desejada da imagem, para avaliarmos a competência de compreensão do material cinematográfico.

Além desse benefício o professor deve entender que este material “não só sensibilizar, tematizar e discutir questões associadas ao currículo escolar, mas ampliar os horizontes dos alunos, colocando-os em sintonia com essas outras linguagens e formas de expressão” (p.65).

A partir dessa compreensão o professor estará armado de critérios avaliativos da leitura desejado do filme, pois:

Assim, como ensina Pillar (1999), a leitura depende do que está em frente e atrás dos nossos olhos, pois, no ato de ler, entrelaçam-se as informações do objeto (suas características de forma, cor, localização), com as informações do leitor (seu conhecimento prévio do objeto, sua capacidade de imaginação, suas inferências). Em outras palavras, ler corretamente e interpretar adequadamente são atividades que mantêm relação direta com a qualidade do objeto de leitura e com as competências do sujeito leitor (p.66).

Neste sentido a leitura o docente ainda deve perceber se os alunos estão capacitados para compreender a ‘gramática’ da linguagem audiovisual necessária para a utilização deste mecanismo como estratégia pedagógica. Bem como, ser “importante responder a perguntas essenciais à identificação e contextualização da obra, buscando situá-la no tempo/espaço de sua produção, além de articulá-la a proposta pedagógica da disciplina” (p.72). Outro passo metodológico é analisar os mecanismos que o docente possui para a exibição. Por fim, estabelecer o roteiro de questionamento para a avaliação dos alunos, as “práticas de avaliação consistentes, portanto, estreitamente vinculadas às finalidades educativas, devem ser diversificadas, abrindo-se espaço para uso articulado de múltiplos recursos de ensino que possam encaminhá-las” (p. 80)

Vale ressaltar a questão de leitura da imagem como recurso pedagógico para o processo ensino aprendizagem, pois, segundo Grillo e Gessinger o contato com outras linguagens e formas de expressão favorece ao aluno as condições de desenvolvimento de uma maior abertura perceptual e por via de consequência, de uma formação culturalmente mais qualificada (pg. 64).

Isso permite ao professor ir além do currículo escolar, ele chega a “ampliar os horizontes dos alunos”, assim como explica o autor Hernandez:

(...) as imagens são mediadoras de valores culturais e contêm metáforas nascidas da necessidade social de construir significados. Reconhecer essas metáforas e seu valor em diferentes culturas, assim como estabelecer as possibilidades de produzir outras, é uma das finalidades da educação para a compreensão da cultura visual” (HERNANDEZ, 2009, p. 794).

Partindo dessas observações acho pertinente quando elas levantam a discussão de que é preciso sim que o docente inclua o cinema/o vídeo/ a televisão como ferramenta de trabalho, mas que para isso também é preciso antes compreender a “gramática” da linguagem audiovisual, ou seja, suas características intrínsecas e seu modo de produção e operação, para melhor uso didático dos recursos.

Acho interessante ressaltar o papel formador e transformador do docente, e quando inclui em suas aulas a linguagem imagética é possível intensificar esse poder docente, pois permite o aprender de forma dinâmica. Para melhor explicar o funcionamento da ação da linguagem televisiva (ou cinematográfica), segundo Ferrés (1998, p. 16):

“É dirigida a determinados esquemas mentais, capacidades cognitivas, estruturas perceptivas e sensibilidades previamente existentes no indivíduo”, mas, ao mesmo tempo, tem o poder de potencializar e modificar tais esquemas, capacidades, estruturas e sensibilidades, o que revela sua força para formar/transformar eventualmente a percepção dos valores imbricados nas narrativas audiovisuais.

Diante de todo esse esclarecimento chegamos ao ponto da avaliação onde diz Luckesi (1996, p.93) a avaliação, diferentemente da verificação, envolve um ato que ultrapassa a obtenção da configuração do objeto, exigindo decisão do que fazer ante ou com ele.

Dessa forma o recurso do cinema em sala de aula deve ser avaliado, pois será uma atividade criteriosamente organizada ao seu trabalho docente.

CIÊNCIAS DA RELIGIÃO E O ENSINO RELIGIOSO

A problemática do ensino religioso se estende até os dias de hoje devido justamente a falta de clareza sobre o seu objeto de estudo. Sabe-se que o conceito de religião carrega uma certa ambiguidade, tanto concepções históricas quanto contemporâneas, mas apesar dessa polaridade, segundo Greschat, não anula a existência do objeto que permanece. É a questão da espiritualidade, onde Soares cita a parábola de zen para mostrar que ela está presente em todas as religiões, a partir daí ele diz: “já é possível encontrar elementos de discernimento para uma atitude mais humilde e dialogal diante da alteridade” (2010, p. 37).

Pois, é preciso entender que o pluralismo religioso é fortemente presente em nosso contexto social, um fato que requer a importância de um trabalho interdisciplinar no estudo da religiosidade.

Usarski ratifica que não se faz Ciência da Religião senão quando se assume o caráter pluralista dessa ciência, levando a sério o panorama multifacetado de seu objeto e das possíveis perspectivas de abordagem (2007, p. 10).

A história das religiões, onde a historiografia tradicional traça uma linha de pesquisa pela história das religiões, história dos países e história da igreja, e na atualidade tem-se a exemplo o tratado de Mircea Eliade que propõe a religião na experiência religiosa individual e coletiva; A Sociologia da educação, propondo entender a sociedade de maneira científica, nesse caso, o fato religioso, pois entendendo a religião se compreenderia a sociedade moderna (Marx, Durkheim e Weber); A Psicologia da Religião, segundo Valle esse campo faz análise pela via da observação e descrição empírica e pela via das teorias e metateorias gerais que tenham condições de chegar a uma compreensão ampla do objeto estudado.

Diante de toda essa historicidade chegamos ao foco teórico-metodológico da Ciência da Religião no Brasil que perpassa pelo confronto da Teologia e as Ciências Sociais. Desse modo, afirma Soares:

“...foi-se firmado o perfil das Ciências da Religião como uma investigação empírica da religião, sobretudo sociológica, aliada a uma reflexão teológica crítica que queria discutir com competência (as mediações socioanalíticas propostas por Clodovis Boff) temáticas de interesse público...”

Apesar de ser um campo considerado ainda recente no Brasil, a Ciência da Religião tende um progresso científico. E didaticamente falando o Ensino Religioso possui três modelos: o catequético, o teológico e o da Ciência da

Religião. Este último se destaca por ser o modelo considerado mais ideal para a formação da prática pedagógica dessa disciplina, mas isso não descarta a integração de outras áreas do conhecimento.

Por fim, a fenomenologia do ensino religioso justifica a disposição da Ciências da Religião ser o modelo mais coerente para sua fundamentação teórica e metodológica.

RELIGIOSIDADE

O termo “religiosidade” “implica a relação do ser humano com um ser transcendente” (Giovanetti, 2005).

Segundo Georg Simmel, a religiosidade é “uma dimensão humana, histórica e culturalmente determinada, que se abre à transcendência, mobiliza energias e se materializa em formas cognitivas e emocionais na construção de sentido para a totalidade da existência”.

Para ele os objetos religiosos são exclusivamente fatos da consciência, representações dotadas de sentido e fontes de energia para quem acredita neles. E por ser uma dimensão humana, se recria permanentemente na história, nas manifestações culturais e na multidão de ações interindividuais.

Diante do que já foi mencionado, podemos entender ser a religiosidade originária da religião, sendo assim, ser entendida como uma experiência pessoal e única da religião, ou seja, “a face subjetiva da religião”, como afirma Valle (1998). Ou ainda, a religiosidade pode ser uma das maneiras da espiritualidade se manifestar.

CONCLUSÃO

Os alunos do curso de Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe objetivam realizar a proposta de Festival de Cinema como recurso didático na disciplina de Ensino Religioso como efetivação das suas atividades deste ano de 2015.

A escolha deste instrumento como apoio pedagógico se justifica por ser uma atividade que rompe com a metodologia tradicional de ensino, pois a cinematografia é uma ferramenta audiovisual que acompanha os avanços tecnológicos além de ser bem aceita pelos alunos.

Os filmes a serem exibidos no festival de cinema são escolhidos a partir dos critérios de faixa etária, duração, gênero, direção e produção. Levando em consideração que o filme apresente questionamentos sobre até que ponto a religiosidade pode ajudar na condução da vida do homem, com princípios que dão sentido a existência e persistência no enfrentamento das adversidades, assim como pode também ser limitador do crescimento pessoal.

REFERÊNCIAS

GRILLO, Marlene Correro. GESSINGER, Rosana Sporleder. **Por que falar ainda em avaliação?** Ed: ediPUCRS. Porto Alegre, 2010.

GIOVANETTI, José Paulo. “Psicologia e espiritualidade”. Em AMATUZZI, Mauro Martins (org.) **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005.

SIMMEL, G. **Essayson Religion**. Yale: Yale University Press - Durham, 1997.

SOARES, Afonso M. L. **Religião e Educação: da Ciência da Religião ao Ensino Religioso**. São Paulo: Paulinas, 2010.

USARSKI, Frank. **O espectro disciplinar da ciência da religião**. São Paulo: Paulinas, 2007.

VALLE, Edênio R. **Psicologia e Experiência Religiosa**. São Paulo: Loyola, 1998.

Verônica Fortuna Santos Graduanda em Ciências da Religião. Graduada em Pedagogia. Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional. E-mail: ve.30@hotmail.com

Cleidicelma Fortuna Santos. Graduada em Ciências Sociais. Mestre em Sociologia. Universidade Federal de Sergipe. E-mail: cleidicelma@ibest.com.br

Recebido em: 29/05/2015

Aprovado em: 30/05/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Chartort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: